

Quando a lousa é a última luz do dia

Autora: Karina Vaz Mastri

Dar aula para adolescentes à noite não é só sobre ensinar. É sobre segurar a turma quando o mundo inteiro já parece ter desligado as luzes.

Eles chegam devagar. Uns com o uniforme amarrotado, outros com boné escondido na mochila, todos com olheiras maiores que a minha paciência às vezes consegue suportar.

Não é desinteresse. É cansaço. É vida batendo à porta antes da hora.

Já aprendi a decifrar os silêncios. Aquele aluno que sempre está no fundão, de capuz, olhando o celular por baixo da mesa... Ele está tentando esquecer o turno puxado no lava rápida. A menina que cochila encostada na mochila? Trabalhou o dia inteiro num salão, chegou em casa, esquentou comida para os irmãos e correu pra escola. Às vezes, eu olho pra eles e penso: como conseguem?

Teve uma noite em que parei no meio da explicação. Senti um nó na garganta que não era da voz cansada, era da alma mesmo. Eles estavam todos tão exaustos, e eu também.

Suspirei alto sem querer, e a sala ficou num silêncio tão sincero que doeu.

Um aluno levantou a mão - o Vinícius, que quase nunca fala nada - e disse:

—Tá tudo bem, professora?

Quase chorei ali mesmo. Mas engoli, sorri e disse:

—Está sim, só fiquei pensando que vocês são mais fortes do que sabem.

Eles riram, um riso tímido, bonito. Um daqueles momentos que não caem na prova, mas ficam pra vida.

Ser professora à noite é entender que o conteúdo nem sempre entra, mas o cuidado sim. É repetir dez vezes a mesma explicação, e na décima primeira, ouvir um “ahhh, agora entendi”. É corrigir redação com erros absurdos, mas com ideias incríveis. É achar bilhetinhos no final da aula com desenhos toscos e corações mal feitos, e guardá-los como se fossem medalhas.

Outro dia, uma aluna veio no fim da aula me entregar um trabalho. Disse que ficou até tarde fazendo, depois do expediente na lanchonete. O papel tinha umas

manchas de gordura e açúcar. Ela pediu desculpa pelo estado da folha. Eu sorri e respondi:

—Esse trabalho tem gosto de coragem.

Ser professora de adolescentes à noite é cansativo, sim. Já pensei em desistir. Mas aí vem aquele "obrigada, professora" dito baixo, quase sussurrado, como quem entrega uma flor sem papel de presente.

E então eu fico. Porque, mesmo quando tudo pesa, ainda há luz naquela sala. Uma luz fraca, às vezes trêmula. Mas é luz. E é isso que nos move.